

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCURSOS AVALIATIVOS DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DE SANTO AMARO - BA¹

Carla dos Santos Souza²

RESUMO

Este estudo buscou investigar os processos de alfabetização e letramento na educação infantil em uma escola de Santo Amaro, Bahia. O problema de pesquisa baseou-se na análise do percurso avaliativo em uma turma do grupo 5, de uma creche municipal, durante o período de três meses de observação no ano de 2023. Os objetivos foram identificar os instrumentos e critérios de ensino propostos pela educadora, examinar os mecanismos utilizados por ela no processo de aprendizagem e entender as estratégias pedagógicas adotadas para avaliar as hipóteses de escrita das crianças. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica e de campo, com observação participante na escola, e registro semanal das aulas durante esse período, além da realização de entrevista com a educadora. Embora a professora demonstra habilidade no planejamento e execução dessas atividades, observou-se o uso frequente de materiais xerocopiados, que não se alinham totalmente com novas teorias de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: alfabetização - Santo Amaro (BA); educação infantil - Santo Amaro (BA); professores alfabetizadores - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This study sought to investigate the literacy and literacy processes in early childhood education at a school in Santo Amaro, Bahia. The research problem was based on the analysis of the evaluation path in a group 5 class, from a municipal daycare center, during a three-month observation period in the year 2023. The objectives were to identify the teaching instruments and criteria proposed by the educator, examine the mechanisms used by her in the learning process and understand the pedagogical strategies adopted to evaluate children's alphabetic writing. The methodology involved bibliographical research and participant observation at the school, with an interview with the educator and weekly recording of classes during this period. The results obtained were satisfactory, although the teacher demonstrated skill in planning and executing these activities, the frequent use of xeroxed materials was observed, which do not fully align with new literacy and literacy theories.

Keywords: early childhood education - Santo Amaro (BA); literacy - Santo Amaro (BA); literacy teachers - Santo Amaro (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

² Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema problematizar os processos de alfabetização e letramento na educação infantil por meio da análise de percursos avaliativos das práticas pedagógicas em uma escola de Santo Amaro - BA. Tendo isso em vista, compreendendo que a aprendizagem na educação infantil é um desenvolvimento em que conduz os alunos para a formação continuada, no qual os mesmos participam ativamente do processo avaliativo e alfabetização.

O objetivo principal deste trabalho consistiu em analisar, no decorrer do ano de 2023, o percurso avaliativo em uma turma do grupo 5 de uma pré-escola, da rede municipal de ensino de Santo Amaro, localizada no Recôncavo Baiano, durante o período de três meses, do mês de setembro até o mês de dezembro. A partir dessa premissa, houve um desmembramento de três objetivos específicos que tem como pressupostos: identificar quais são os instrumentos (recursos e metodologias) e critérios (concepções teóricas) propostos pela educadora para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização das crianças, investigar os processos de alfabetização e letramento na educação infantil e quais foram os propostas pedagógicas adotadas pela docente no processo de aprendizagem na alfabetização.

A realidade educacional tem apresentado grandes problemas e desafios para realizar o processo de alfabetização, dado que existe um impasse em garantir às crianças o acesso a esses recursos de aprendizagem, devido a uma série de coisas, dentre eles o apoio da Secretaria de Educação, o que também requer indubitavelmente, que aqui exista uma reparação dos espaços escolares a fim de possibilitar aos docentes um melhor processo na maneira de alfabetizar as crianças. Partindo deste pressuposto, o trabalho buscou, a partir de uma pesquisa de observação participante, entender como acontece o processo avaliativo no desenvolvimento da alfabetização e letramento na educação infantil. Deste modo buscou-se entender: quais foram as estratégias pedagógicas adotadas pela professora regente da turma observada no processo de avaliação contínua da alfabetização das crianças?

O interesse pela temática despontou ao cursar o componente curricular de Alfabetização e Letramento no curso de Pedagogia da Unilab, mas, deixando claro, que a proponente deste trabalho, desde quando fez a escolha do curso, sempre soube que os anos iniciais do ensino fundamental seria sua área de atuação. Sendo assim, fica evidente que não existem outros mecanismos para estar ciente de como anda o processo da alfabetização a não ser por meio de pesquisadores pedagogos ou docentes que estejam preocupados com o ensino e alfabetização dessas crianças.

Nesse sentido, Coelho (2017) afirma em seu trabalho intitulado “A importância da alfabetização na vida humana”, que a alfabetização é o pilar primordial da vida humana, nesse período a criança adquire informações que são essenciais para formação básica na aprendizagem, perspectivas observadas por Vigotski (2001). Também, nesse período acredita-se que as crianças estão mais sensíveis a compreensão. Nesse sentido é extremamente necessário compreender o percurso formativo das crianças na alfabetização, dado que essa fase é bastante importante para sua formação.

Nesse viés, para Bolth (2008, p. 22), “o ensinar e o avaliar estreitam laços tão profundos que ambos perdem a razão de ser quando estes são quebrados”. Paralelo a isso, o estudo de sua amplitude, suas consequências na prática educativa, Libâneo (1994, p.195), nos diz que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Desta forma, torna-se necessário fomentar pesquisas que busquem ter esse olhar voltado para entender o processo de alfabetização das crianças. Com isso, adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento de artigos que problematizam a temática do percurso avaliativo de alfabetização e letramento na educação infantil, seguida de uma pesquisa de campo, realizada através da observação participante, com registro em diário de campo, além da realização de uma entrevista realizada em uma escola pública de Educação Infantil de Santo Amaro, Bahia.

Para analisar o processo de alfabetização dos alunos foi realizada uma entrevista com a educadora de uma turma de educação infantil do grupo 5. A pesquisa de campo contou com um diário de registro das observações das aulas que ocorreram uma vez por semana por um período de três meses, a fim de observar e registrar os processos e a dinamicidade do trabalho diário da sala de aula, bem como entender quais os alunos da turma que tinham mais dificuldades de aprendizagem, bem como quais possuíam melhor desempenho no processo de alfabetização. Buscamos compreender quais foram as estratégias adotadas pela educadora no processo avaliativo da aprendizagem na alfabetização, posteriormente coletamos os dados da pesquisa de campo, sendo feita a análise dos dados para a escrita do artigo final.

Levando em consideração a necessidade de um referencial teórico-metodológico para fundamentação do trabalho, foram levantados alguns estudos que foram extremamente importantes para o referido campo discutido entre os principais autores estão: Magda Becker

Soares (2017) que enfatiza a importância de uma alfabetização contextualizada, que se baseie nas experiências e no contexto de vida dos alunos, seu objetivo é promover uma alfabetização mais significativa e duradoura, integrada à realidade dos estudantes. Telma Ferraz Leal (2020) destaca a valorização da oralidade como ponto de partida para o desenvolvimento da alfabetização, reconhecendo a linguagem falada como base para a compreensão da linguagem escrita, promovendo uma aprendizagem mais eficaz. Já Artur Gomes de Moraes (2020) propõe uma avaliação formativa, contínua e centrada no progresso individual do aluno ao longo do tempo, seu objetivo é substituir abordagens tradicionais de avaliação por práticas que levem em consideração o processo de aprendizagem dos alunos e identifiquem áreas que necessitam de suporte adicional. Mônica Correia Baptista (2022) discute os consensos e dissensos relacionados à apropriação da linguagem escrita pelas crianças, e Vanessa Ferraz Almeida Neves e Catarina Moro (2013) contribuem com uma discussão sobre a avaliação na educação infantil, destacando a importância desse debate para a prática educativa.

Levando isso em conta, o campo de discussão da avaliação é um dos mecanismos pelos quais os educadores têm para fazer o acompanhamento e detectar o desempenho das crianças, do mesmo modo perceber os conhecimentos adquiridos sobre os conteúdos estudados, além de perceber suas necessidades individuais.

Deste modo, na alfabetização esse processo deve ser mais preciso, dado que a criança está no período de seu desenvolvimento de aprendizagem de leitura e escrita, ou seja, em seu processo de formação demonstrando uma relevância importante na vida humana (Coelho, 2017). Ou seja, através desse mecanismo do percurso avaliativo, os educadores têm uma melhor maneira de detectar e propor estratégias que viabilizem intervenções mais coerentes a cada aluno, assim, dando um melhor apoio a sua dificuldade.

A avaliação processual no percurso da alfabetização também possibilita que os educadores tenham em mãos *feedbacks* disponíveis tanto para os pais como para o Estado, a fim que haja a possibilidade de melhores políticas públicas voltadas para área por meio de investimentos. Assim, é válido salientar que, durante alguns períodos da história brasileira, houve programas obrigatórios disponibilizados pelo Ministério da Educação com parcerias com educadores, em especial, a Provinha Brasil, Avaliação Nacional da Alfabetização - ANA (Gontijo, 2012).

Todavia, tais mecanismos avaliativos saíram das propostas do governo, o que impactou no desenvolvimento dos dados quantitativos concretos do estado de desenvolvimento das crianças na etapa de alfabetização. Tendo em vista que o mundo passou por um período de dois anos de pandemia, culminando assim no ensino remoto, consequentemente há indícios que a

aprendizagem das crianças teve um *déficit*. Deste modo, é necessário propor pesquisas a fim de que se tenham dados para propor ações de políticas públicas exequíveis para melhorar as maneiras de avaliação da alfabetização das crianças.

Para tanto, é necessário exemplificar teóricos que corroboram neste campo de trabalho. Leal e Moraes (2020), são autores fundamentais para ter a compreensão da suspensão das provas que levantaram dados sobre como anda o desempenho das crianças alfabetizadas. Libâneo (1994) discute o processo de avaliação, no qual a tarefa didática é necessária e permanente no trabalho dos educadores, que assim, os docentes devem acompanhar o percurso das crianças e sua aprendizagem, não só isso, como os educadores terão dados concretos sobre como anda o conhecimento dos estudantes: dificuldades, progressos.

O artigo está dividido em três partes: na primeira parte apresentamos algumas reflexões sobre alfabetização e letramento na educação infantil. A segunda parte está relacionada às observações das práticas pedagógicas em uma sala de aula para uma compreensão mais profunda do contexto real em que as teorias são aplicadas e como ela se manifesta na prática. Na terceira, discorremos sobre a entrevista realizada com a professora e problematizamos sobre avaliação na educação infantil, na qual veremos a perspectiva da profissional que está na linha de frente lidando diretamente com as práticas pedagógicas, além da análise crítica sobre as políticas públicas, métodos e impactos da avaliação na educação infantil.

2 REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A princípio, existe a necessidade de compreender os processos que fomentaram as iniciativas da criação de ambientes educacionais para o público infantil. A crescente demanda em busca de instituições educacionais infantis dá-se, a fim de solucionar um problema na esfera adulta: as mulheres foram se inserindo no mercado de trabalho e houve a necessidade de lugares para que as mesmas deixassem seus filhos. Com isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, deixa de ser uma lei da mulher e passa a ser uma lei que garante o direito das crianças.

Todavia, para haver a inserção destas crianças nas escolas e, principalmente o desenvolvimento das crianças de 0 a 5, foi-se necessário haver regulamentações e legalizações, a fim de ter orientações de órgãos competentes para instrumentalizar quais seriam os melhores

mecanismo e/ou modalidades de avaliações. No entanto, é preciso pensar a avaliação não como fim, mas como um meio, e como tal, um objetivo final.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), cabe às instituições de Educação Infantil criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

- A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;
- Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);
- A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);
- Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;
- A não retenção das crianças na Educação Infantil (Brasil, 2010, p. 29).

Deste modo, seu papel é de promover uma transição tranquila para o Ensino Fundamental, respeitando as especificidades da infância e oferecendo propostas pedagógicas que devem “prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental” (Brasil, 2010, p. 30). É preciso “não fazer da conjugação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental um processo de subordinação a este e a sua tradição pedagógica, para não cairmos numa certa pedagogização essencialista da Educação Infantil” (p. 113).

Em relação aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, prescritos no o Documento Curricular Referencial da Bahia para a Educação Infantil e Ensino Fundamental (2019, p. 113):

Faz-se necessário pontuar que é preciso compreender a Educação Infantil no âmbito da Educação Básica como uma especificidade pedagógica com uma forte compreensão ontológica, ou seja, aí está o ser-criança em formação. Dissolver a Educação Infantil nos princípios e métodos adultocêntricos do Ensino Fundamental, alguns já contestáveis, é não reconhecer que a criança precisa de uma educação diferenciada, ou mesmo negar a própria necessidade de significar o espaço-tempo da educação da criança de 0 a 6 anos.

Os autores Moraes e Silva (2023), desenvolveram em 2023 um artigo sobre alfabetização e letramento. O texto começa com uma contextualização da obra de Magda Soares, que dedicou sua vida ao estudo da língua escrita e da alfabetização. Soares, foi uma das

principais responsáveis pela introdução do conceito de letramento no Brasil, que vai além da alfabetização e inclui também o uso social da língua escrita. Os autores propõem uma discussão sobre a importância da alfabetização e do letramento na educação infantil, enfatizando que Soares defendia que as crianças devem ter contato com a língua escrita desde cedo, para que possam desenvolver as habilidades necessárias para a leitura e a escrita. A mesma acreditava que a alfabetização na educação infantil deve ser compreendida enquanto processo que "caminha lado a lado" com o letramento, visto que é um direito de a criança acessar práticas de leitura e escrita, devendo ser um processo prazeroso e significativo para as crianças.

Morais e Silva (2023) dão enfoque aos principais aportes de Soares para a alfabetização e o letramento na educação infantil. Há a indicação de que ela defende a importância do letramento como pré-requisito para a alfabetização, a necessidade de oferecer às crianças experiências significativas com a língua escrita, a importância do lúdico no processo de alfabetização e a necessidade de respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança.

Magda Soares acreditava na importância do letramento como pré-requisito para a alfabetização, defendendo que as crianças devem ter contato com a língua escrita desde cedo, para que possam desenvolver as habilidades necessárias para a leitura e a escrita. A educadora definiu o letramento como o conjunto de habilidades e conhecimentos necessários para o uso da língua escrita em diferentes situações sociais. A necessidade de oferecer às crianças experiências significativas com a inserção língua escrita, compreende-se que a educadora estava tendo um olhar de que a alfabetização deve ser um processo prazeroso e significativo para as crianças, uma vez que a pesquisadora defendia que as crianças aprendem melhor quando estão envolvidas em atividades que despertam seu interesse e curiosidade.

Segundo Magda Soares (2017), em relação à alfabetização e letramento na educação infantil, defende que os dois conceitos devem sim estar presentes nessa etapa da educação. A pesquisadora pontua que:

A afirmação da presença de alfabetização e letramento na educação infantil - justifica-se porque, até muito recentemente, assumia-se que a criança só poderia dar início a seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita em determinada idade e, conseqüentemente, em determinado momento de sua educação institucionalizada [...] Quando havia a possibilidade de educação institucionalizada antes disso, ela ocorria no então denominado , significativamente, "jardim da infância", uma metáfora que revela o objetivo que essa etapa perseguia: cuidar das crianças, para que crescessem e amadurecem, como em um jardim se cuida das plantas para que cresçam e cheguem à floração...e nesse "jardim" não deveria haver "letras", pois considera-se prematura dar às crianças acesso à língua escrita antes dos 7 anos (Soares, 2017, p. 138).

Soares (2017) afirma, ainda, que os estudos de Emília Ferreira nos anos 1980 demarcaram novos rumos para a alfabetização, um deles foi de derrubar o falso pressuposto de que existe uma idade série para que a criança tenha acesso à língua escrita, ou seja, o pressuposto de que os adultos é que decidem quando esse acesso pode ser permitido.

Pressuposto falso porque, nos contextos grafocêntricos em que vivemos, as crianças convivem com a escrita [...] muito antes de chegarem ao ensino fundamental, e antes mesmo de chegar à instituição de educação infantil, e nessa convivência vão construindo sua alfabetização e seu letramento: seu conceito de língua escrita, das funções do ler e do escrever, seu conhecimento de letras e números, a diferenciação entre gêneros e portadores de textos - as informações que veem os adultos buscarem em rótulos, as histórias que lhes são lidas em um livro, em uma revista, os bilhetes que as pessoas escrevem ou leem... Além de conceitos e conhecimentos, as crianças vão também construindo, em seu contexto social e familiar, interesse pela leitura e pela escrita e desejo de acesso ao mundo da escrita (Soares, 2017, p. 139).

Portanto, colocar em dúvida a possibilidade da presença de alfabetização e letramento nas escolas de educação infantil é desconsiderar que a criança já chega a ela em pleno processo de alfabetização e letramento, portanto, é não reconhecer o contexto cultural da criança, é rejeitar seus conhecimentos prévios, é ignorar o interesse que ela tem em ampliar seu convívio com a escrita (Soares, 2017).

No entanto, Soares (2017, p. 140) aponta que “é preciso reconhecer que o acesso *inicial* à língua escrita não se reduz ao aprender a ler e escrever, no sentido de aprender a grafar palavras e decodificar palavras - não se reduz à alfabetização no sentido que é atribuído a essa palavra”. Portanto, “na impossibilidade de determinar que a palavra *alfabetização* passe a significar não só a aprendizagem do sistema alfabético, mas também a aprendizagem dos usos sociais e culturais desse sistema, é que a ‘invenção’ da palavra letramento se tornou necessária”.

A importância de se trabalhar com a ludicidade no processo de alfabetização, para Soares, é considerado um elemento fundamental para o processo de alfabetização, pois é nesse período que as crianças aprendem brincando e que o lúdico pode ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento das habilidades necessárias para a leitura e a escrita. E a partir da necessidade de respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança, Soares defendia que cada criança tem seu próprio ritmo de aprendizagem e que os professores devem respeitar as diferenças individuais e oferecer aos alunos oportunidades para aprender a seu próprio tempo. Assim, o texto conclui que o legado de Soares é fundamental para a alfabetização e o letramento na educação infantil. Suas ideias contribuíram para a construção de uma pedagogia alfabetizadora que é centrada na criança e que valoriza a ludicidade e o prazer da leitura e da escrita (Morais, Silva, 2023).

Segundo Ciasca (2009), é importante analisar qual a melhor forma de compreender as crianças por meio da avaliação ou através do acompanhamento do desenvolvimento? A autora discute a avaliação e o acompanhamento do desenvolvimento sob a ótica da neuropsicologia, ela defende a importância de uma avaliação abrangente e multidisciplinar, que leve em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também as habilidades cognitivas, emocionais e sociais das crianças.

Contudo, devemos pensar em mecanismos adequados para efetuar as avaliações, e de que forma esses acompanhamentos e essas avaliações devem ser feitas. Tendo isso em vista, deve-se analisar a criança como um todo: as maneiras como se expressam, sua concentração, seu envolvimento com a turma e com as atividades, do mesmo modo que o educador deve estar sempre atento para fazer suas reflexões internas do modo como está direcionando a aprendizagem, a fim de que o mesmo faça sempre seu planejamento não de forma linear e absoluta, mas de forma que possa fazer algumas adaptações.

Diversos autores desenvolveram ações pensando a avaliação na pré-escola, dentre eles Hoffmann (2012, p. 13). A autora discute a avaliação pensando na maneira que algumas famílias cobram as propostas pedagógicas, sempre com um olhar de assistência. A mesma faz menção a algumas propostas pedagógicas: a) explorar a diversidade de interesse e possibilidades de exploração do mundo pela criança; b) um docente curioso pelo mundo da criança; c) um processo de avaliação observador. Quando a autora menciona as cobranças das famílias em relação às propostas pedagógicas, ela está apontando para uma expectativa comum de que a educação pré-escolar acaba seguindo um modelo mais tradicional, com atividades estruturadas e avaliações escritas. No entanto, Hoffmann defende uma abordagem de avaliação mais observadora, que se baseia na observação cuidadosa e na compreensão profunda do desenvolvimento e das interações da criança com o ambiente, priorizando a compreensão do processo de aprendizagem ao invés de focar apenas nos resultados finais.

Segundo Faria e Bessler (2014), avaliar e planejar são ações essenciais do labor diário do humano em sociedade. Partindo deste pressuposto, é necessário fazer ramificação dessa ideia para o âmbito das instituições de ensino, dado que é nessa fase que existe a garantia de ações positivas para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, mas para que as mesmas tenham essas ações viabilizadas é necessário haver planejamento, projetos e ações pedagógicas na instituição e no processo formativo do educador.

Nesse sentido, Souza e Oliveira (2003) observam que há a necessidade de docentes qualificados no ato de planejar, avaliar, dentre outras ações. Paralelo a isso, existe a necessidade de pensar a avaliação enquanto um debate necessário.

O cerne da discussão de Neves e Moro (2013), busca preencher uma lacuna na produção acadêmica ao abordar a avaliação na educação infantil. A discussão reside na necessidade de avançar na compreensão dos processos avaliativos internos nas instituições que atendem crianças nessa faixa etária. A abordagem se depreende em pesquisas e documentos nacionais, oferecendo uma perspectiva ampla sobre a avaliação na primeira etapa da educação básica. Ao propor esse debate, as autoras Neves e Moro (2013) exploram questões relacionadas aos processos de avaliação mais adequados para crianças em idade de educação infantil, levando em conta aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais. A importância de uma abordagem sensível e adaptada à natureza peculiar do desenvolvimento infantil pode estar entre os pontos discutidos.

3 OBSERVAÇÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA SALA DE AULA

As atividades de campo da pesquisa ocorreram no ano de 2023 por um período de três meses, com uma frequência semanal da pesquisadora, no entanto, vamos considerar nas descrições das práticas pedagógicas desenvolvidas, apenas aquelas relacionadas às experiências de leitura e escrita. No decorrer das observações participantes, foi constatado que a docente, da turma observada, dedicava três dias por semana ao ensino das letras do alfabeto, seguido por atividades práticas, notadamente ditados de palavras relacionadas ao conteúdo abordado. A professora demonstrava constante atenção com as crianças, circulando entre as mesas dos alunos para auxiliá-los e esclarecer dúvidas. Destaca-se, ainda, sua atenção particular às crianças que enfrentam maiores desafios de aprendizagem.

No que diz respeito a estrutura da sala de aula da escola onde realizamos a pesquisa de campo, ela estava organizada para receber as crianças de maneira tradicional, todas as carteiras enfileiradas, um alfabeto nas paredes (cada letra com um desenho ilustrando), os números de 0 a 10, e a foto de cada aluno com seus nomes abaixo. A professora trabalha junto com uma auxiliar de classe, que se formou a pouco tempo em pedagogia, elas iniciam a aula com o acolhimento das crianças, fazem oração e logo em seguida cantam a música de bom dia. A docente fazia o uso de materiais didáticos, mas também criava atividades livremente, pois relatou que nesses materiais, não tinham atividades ligadas às práticas de alfabetização.

Em artigo desenvolvido por Baptista (2022), *Consensos e dissensos nos campos da alfabetização e da educação infantil*, a autora analisa as crianças e o processo de apropriação da linguagem escrita: problematizando sobre a importância de considerar as especificidades da

Educação Infantil ao abordar questões de alfabetização. Destaca a necessidade de reconhecer que a educação infantil não deve ser simplesmente uma versão adaptada do Ensino Fundamental, mas sim uma instituição que atenda às necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais das crianças de zero a cinco anos.

Enquanto aos alunos, eles demonstraram uma hipótese a escrita alfabética com familiarização de palavras curtas, abordando-as de forma silábica. Portanto, é necessário conceber atividades que propiciem o desenvolvimento de competências além de leitura para as crianças. Nesse sentido, observaram-se algumas estratégias empregadas pela docente, destacando-se: a exploração de letras e sons, que se dava por meio de abordagens lúdicas, tais como a utilização de músicas, jogos e atividades que promoviam a associação entre letras e objetos cujos nomes iniciam com a respectiva letra; atividades de escrita, incluindo ditados de palavras e exercícios com atividades xerocopiadas.

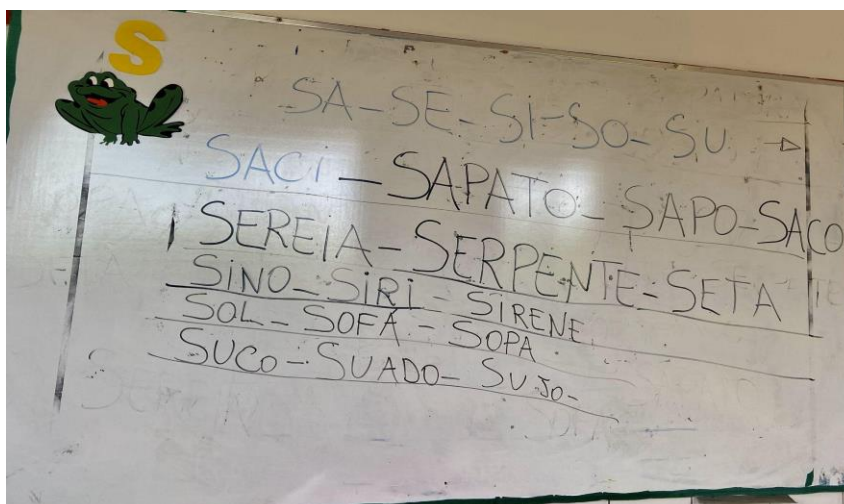
Entretanto, durante a pesquisa de campo, foi observado um aspecto relevante em relação às atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Durante o período de observação, constatou-se que não houve registro da prática de contação de história por parte da professora responsável pela turma investigada, exceto no dia que ela contou a história do “Sítio do seu Lobato” de Make Believe, observa-se portanto que essa prática não está incorporada na rotina da turma. Esta constatação é significativa, pois a contação de história é reconhecida como uma ferramenta pedagógica eficaz no desenvolvimento da linguagem, imaginação e habilidades cognitivas das crianças em idade pré-escolar (Silva, 2018). A ausência dessa prática pode impactar negativamente no enriquecimento do repertório cultural e no estímulo ao gosto pela leitura entre os alunos. No entanto, é importante ressaltar que essa observação é pontual e não abrange necessariamente todas as práticas pedagógicas da educadora, sendo apenas um aspecto identificado durante o período de observação da qual estive presente, mas como citado anteriormente, a sala de aula possuía um cantinho da leitura, e os alunos tinham livre arbítrio ao acesso, não havendo nenhuma restrição. Baptista " (2022), aponta a importância da literatura presente nos livros infantis como tal aspecto é interligado ao tema do letramento emergente, para ensinar às crianças desde muito cedo comportamentos e habilidades associados à cultura escrita. Ao interagirem com os livros, as crianças aprendem não apenas a manuseá-los e compreender sua estrutura física, mas também a entender como as narrativas funcionam. Além disso, desenvolvem habilidades de linguagem ao explorar diferentes tipos de narrativas e elementos ficcionais. O texto também ressalta como a leitura e a contação de histórias proporcionam às crianças experiências emocionais significativas, permitindo-lhes explorar sentimentos, emoções e realidades alternativas.

Também observamos, na atividade da chamadinha, que cada aluno possuía um cartão contendo seu nome em letras amplas e nítidas, cabendo a cada um a responsabilidade por seu respectivo cartão, levando para casa todos os dias. Diariamente, ocorria uma chamada interativa, essa portanto é uma atividade permanente, que ressalta especificidades da alfabetização, incorporada à rotina da turma, na qual a professora indagava, por exemplo: "Arthur está presente?" A turma responde afirmativamente, seguida da questão: "com que letra começa o nome de Arthur?" e "quantas vezes vocês pronunciam o nome dele?" bem como "quantas sílabas possui?", "vocês podem me dizer o nome de algum objeto, animal, ou de qualquer outra coisa que venha na cabeça de vocês que também comecem com a letrinha A?". Este procedimento era realizado com todos os alunos presentes na turma, os quais eram incentivados a transcrever todos os dias seus nomes completos em seus cadernos, todos os alunos copiavam no "caderno de desenho", o mesmo era utilizado para realizarem as tarefas de casa.

Nas figuras abaixo apresentamos propostas pedagógicas adotadas pela regente na sala de aula durante a pesquisa de campo, os outros dias não foram listados porque as propostas pedagógicas não se alinhavam com as práticas de alfabetização.

Ao observar uma das aulas, a professora iniciou informando que o tema do dia seria a letra "S" e seus sons: sa, se, si, so e su. No primeiro momento a professora colocou as sílabas na lousa, depois as crianças assistiram no notebook a história da letra "S" com som de "Z". Posteriormente, fizeram ditado de palavras no caderno de desenho, as crianças escreveram de forma espontânea as palavras, em seguida fizeram a correção na lousa junto com a professora, por fim, foi passada atividade no livro didático para a casa.

Figura 1 - Aula sobre a letra "S"



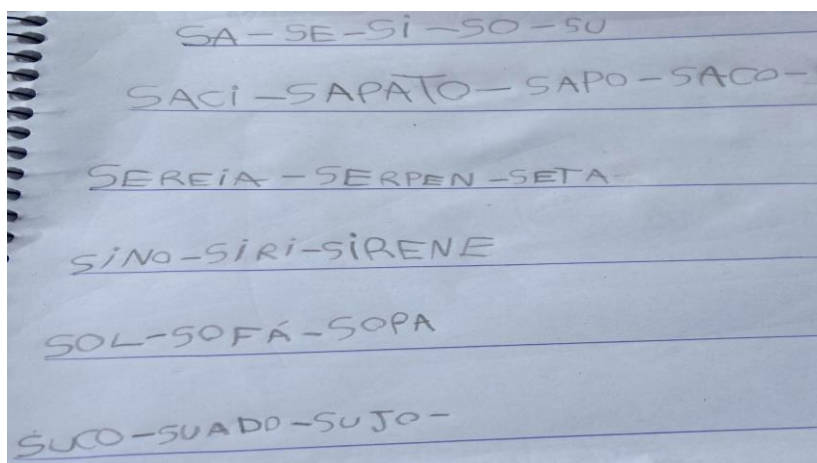
Fonte: registro da autora.

As atividades propostas pela professora demonstram sua preocupação com a escrita alfabética na educação infantil, a partir de uma prática pedagógica que se inicia pelas vogais, consoantes e na sequência a aprendizagem de famílias silábicas. No entanto, essa prática de escrever na lousa uma sequência de sílabas de uma determinada “família”, seguida de palavras que correspondem a cada sílaba, nos remete aos modelos mais remotos de aprendizagem, postulados pelos métodos conhecidos como “tradicionais”, sendo o mais comum o método silábico.

Neste caso, as crianças não estão “interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material ‘para ler’, mas com material artificialmente produzido para “aprender a ler”; sendo assim, “os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança ‘pronta’ ou ‘madura’ para ser alfabetizada”. Tais “pressuposto dos métodos ‘tradicionais’ de alfabetização são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto ‘língua escrita’, partindo das próprias “dificuldades da criança, no processo de construção do sistema de representação que é a língua escrita” (Soares, 2004, p. 11).

A figura 2 representa, mais uma vez, a continuação das práticas “tradicionais” apontadas acima, agora a partir de atividades de cópia no caderno realizadas pelas crianças.

Figura 2 - Cópia da atividade do “S” no caderno



Fonte: registro da autora.

De acordo com Anne Marie Chartier (2012 *apud* Alcanfor, 2023), o método silábico mostra-se absurdo em relação às finalidades do ensino da leitura, portanto, ultrapassado em relação às novas metodologias de alfabetização. O que nos inquieta é pensar porque práticas antigas se tornam tão duradouras? Segundo Chartier e Hébrard (2012 *apud* Alcanfor, 2023) não

se pode confundir posições teóricas e práticas dos professores em sala de aula, uma vez que os professores se afirmam voluntários de uma doutrina, mas modificam à sua maneira os instrumentos que utilizam. Como aplicadores práticos, os métodos são compreendidos como ordenamento do processo de aprendizagem, e o ensino da leitura tem, aparentemente, uma autonomia que lhe é constitutiva.

Figura 3 - Atividade de pontilhado

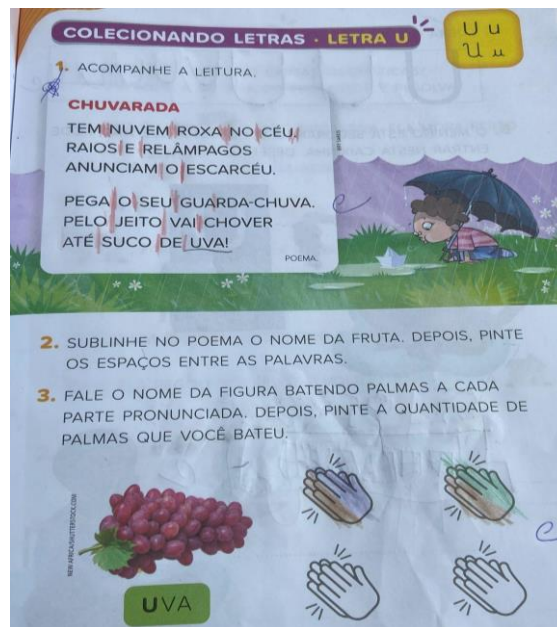


Fonte: registro da autora.

A prática de alfabetização que visualizamos na figura 3, ilustra um exemplo dos exercícios de prontidão, cobrindo incansavelmente pontilhados, por meio de uma prática mecânica de memorização de letras que representam os grafemas estudados durante as lições propostas pela professora. Soares (2020, p. 11) afirma que a “alfabetização não é a aprendizagem de um *código*, mas a aprendizagem de um *sistema de representação*, em que signos (grafemas) *representam*, não codificam, os sons da fala (os fonemas)”. Portanto, “aprender o sistema alfabético não é aprender um *código*, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas”.

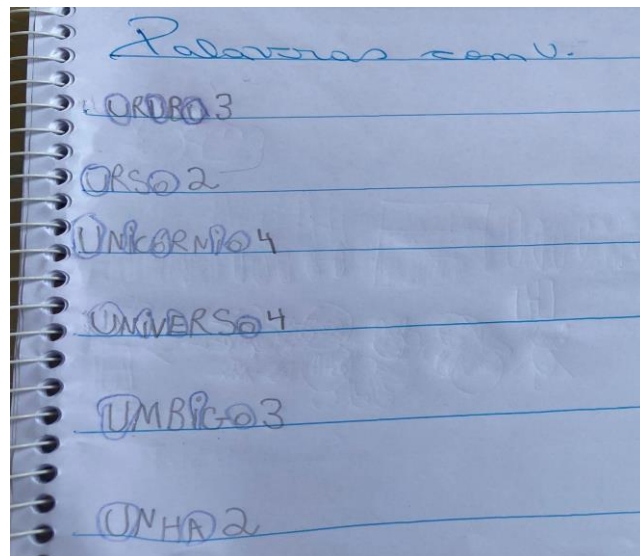
No segundo encontro foi trabalhado a vogal “U” com atividade no livro didático no início e, logo em seguida, uma atividade de cópia no caderno com as seguintes palavras: urubu, urso, unicórnio, universo, umbigo e unha. As crianças tinham que circular as vogais e colocar ao lado das palavras a quantidade de sílabas contidas em cada uma delas, a professora auxiliou na correção, e usou a didática de bater as mãos para demonstrar a quantidade de sílabas em cada palavra, e no final, colocou uma música do youtube sobre a letra U, conforme representado na figura 04.

Figura 4 - Livro de atividade com a letra “U”



Fonte: registro da autora.

Figura 5 - Caderno de atividade com a letra “U”

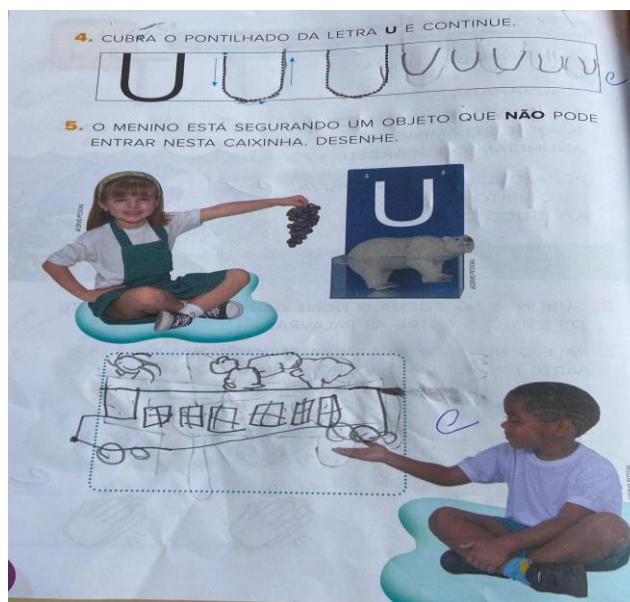


Fonte: registro da autora.

Vale salientar que essas atividades dialogam apenas do ponto de vista de reflexão fonológica, porém são atividades completamente descontextualizadas e sem nenhum vínculo com práticas de letramento. Também destacamos que, apesar do uso de textos descontextualizados de práticas significativas de letramento, nem permitir que as crianças espontaneamente revelem estar refletindo sobre as palavras, a professora desenvolve uma prática preocupada com a consciência fonológica. Segundo Moraes (2019, p. 35), “as crianças podem refletir cedo sobre as partes orais das palavras, brincando com as sílabas, com rimas e

pensando sobre qual relação aqueles pedaços orais têm com as letras que usamos ao escrever”. O autor afirma que consciência fonológica é “uma ‘constelação’ de habilidades variadas, em função das unidades linguísticas envolvidas, da posição que estas ocupam nas palavras e das operações cognitivas que o indivíduo realiza ao refletir sobre ‘partes sonoras’ das palavras de sua língua (Morais, 2019, p. 29).

Figura 6 - Livro de atividade com a letra “U”



Fonte: registro da autora.

No terceiro encontro foi o dia do trânsito, a professora aproveitou para trabalhar com a letra T, foi prescritas duas atividades xerocopiadas para casa, para pintar o semáforo destinado para carros, pintar o semáforo que indica que pode atravessar a rua e por fim, pintar os meios de transportes seguindo a legenda: verde para os transportes terrestres, azul para aquáticos, e amarelo para os aéreos. Depois, a professora levou os alunos para porta da escola para ensiná-los como atravessar a rua, e alertou, que tem que olhar para esquerda e direita, sempre com auxílio de um adulto. No último momento, em sala de aula, foi realizado um ditado espontâneo de palavras, na qual a professora ditava as palavras e eles escreviam no caderno, depois, cada aluno foi até o quadro escrever as palavras, e quando necessário, foram feitas as correções, e por fim, o preenchimento da carteira de motorista, contendo nome da escola, data, e nome do aluno.

Figura 7 - Carteira de motorista

**MINHA PRIMEIRA
CARTEIRA DE MOTORISTA**

NOME: _____

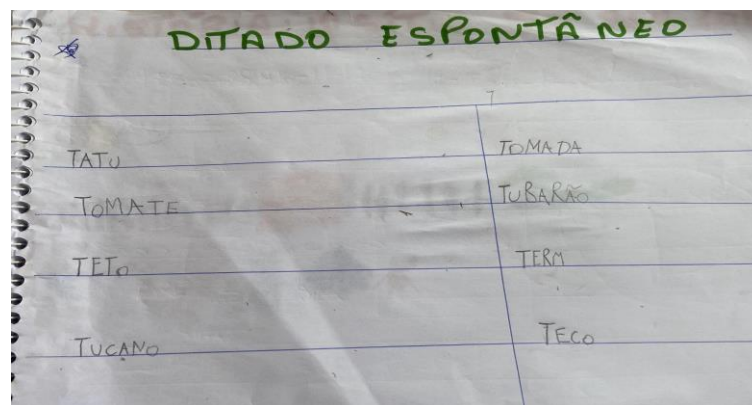
ESCOLA: _____

DATA: _____

EU APRENDI MUITO SOBRE TRÂNSITO!

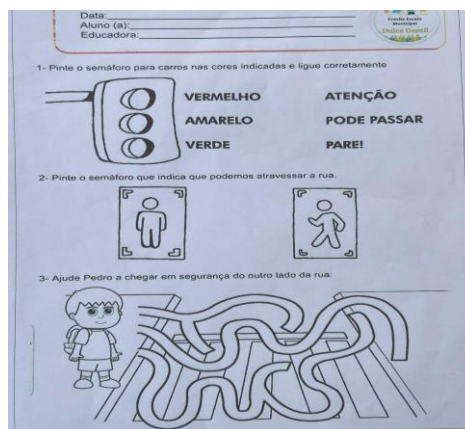
Fonte: registro da autora.

Figura 8 - Ditado de escrita espontânea



Fonte: registro da autora.

Figura 9 - Atividade sobre o trânsito



Fonte: registro da autora.

O quarto encontro foi trabalhado o conteúdo “reconhecendo o alfabeto, trabalhando com nomes próprios”, foi ressaltado sobre o conteúdo alfabético e a letra inicial do seu próprio nome, depois, que os alunos identificassem as letras do alfabeto, associando aos nomes dos

personagens de desenhos animados, bem como, a inicial do nome de seus colegas. Sobre o trabalho com palavras estáveis na Educação Infantil, sobretudo o nome próprio, Soares (2017, p. 12) enfatiza que:

Memorizar a escrita do nome próprio é possível e desejável, como passo inicial para a compreensão do sistema de escrita, e é aprendizagem da criança já na creche, mas também é aprendizagem pretendida reconhecer o próprio nome entre os nomes dos colegas: são dois objetivos sempre presentes na Educação Infantil, no entanto, não foram incluídos no quadro de objetivos da BNCC.

Nos seguintes encontros, foram trabalhadas as letras “W” e “X” e seus respectivos sons. Em seus respectivos dias, ambas as letras foram apresentadas, fazendo o uso da consciência fonológica para a compreensão do som, seguida de atividades na lousa. Sobre esse conteúdo Soares (2011, s.p.) ressalta em uma das suas entrevistas que:

Enquanto a criança não descobrir que palavras são sons, como poderão se alfabetizar, se têm de escrever registrando os sons da palavra? Daí a importância da consciência fonológica nessa fase, entendida como consciência dos sons de palavras, de sílabas. Para isso, as professoras podem brincar com parlendas, que facilitam colocar o foco no som [...]. Outra boa alternativa é brincar com rimas, o que também ajuda a prestar atenção no som.

Por fim, o último encontro ressaltou a importância e os cuidados da higiene bucal, a professora teve uma conversa no início da aula sobre essa conscientização e de como ter dentes fortes e saudáveis, depois, passou um vídeo muito interessante e divertido de como fazer a escovação de uma maneira correta. Após o vídeo, foi proposto aos alunos a fazerem um desenho no caderno com os cuidados que devemos ter com os nossos dentes, e uma atividade xerocada.

Recomenda-se atenção às singularidades dos alunos dessa faixa etária, a não antecipação do currículo da antiga primeira série, ao mesmo tempo em que se estimula a alfabetização precoce. O fato de o educando estar imerso em um “ambiente alfabetizador” já na Educação Infantil, ou seja, de ter acesso a situações em que a leitura e a escrita possuem usos reais de expressão e comunicação, seria um elemento facilitador para um processo de transição “natural” entre a primeira e a segunda etapas da Educação Básica (DCEB, p. 118)

A Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento inicial das habilidades de leitura e escrita das crianças. É durante esses primeiros anos de vida escolar que os alicerces para a alfabetização e o letramento são estabelecidos. Nessa fase, é essencial que os educadores estejam atentos às singularidades dos alunos, especialmente no grupo 5, onde as crianças estão em um estágio crucial de desenvolvimento.

Um aspecto crucial destacado é a não antecipação do currículo da antiga primeira série. Isso significa que as atividades desenvolvidas na Educação Infantil não devem simplesmente replicar o que seria esperado em séries mais avançadas. No entanto, é importante que as crianças sejam gradualmente introduzidas ao mundo da leitura e escrita de forma adequada à sua idade e estágio de desenvolvimento.

Um ponto-chave é a criação de um "ambiente alfabetizador" na sala de aula. Isso implica em proporcionar às crianças acesso a situações em que a leitura e a escrita tenham usos reais de expressão e comunicação. Infelizmente, nessa sala de aula específica, observa-se uma desconexão entre as práticas de alfabetização e letramento e as atividades realizadas.

Quando os educadores não incorporam atividades de letramento e alfabetização em suas práticas pedagógicas, isso pode dificultar a transição natural das crianças para as etapas posteriores da Educação Básica. Elas podem não estar desenvolvendo as habilidades necessárias para lidar com as demandas acadêmicas mais avançadas que encontrarão.

4 ENTREVISTA COM A PROFESSORA E A PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A avaliação permeia os processos de ensino e de aprendizagem e estão centradas na análise dos conhecimentos obtidos pelos alunos, do mesmo modo na prática pedagógica desempenhada pelo professor (Castro; David, 2019). Nesse sentido, para o levantamento de dados referente ao que se propõe este trabalho, foi elaborado um questionário de perguntas para a professora regente da turma onde foi realizada a pesquisa. As perguntas que ataram as respostas do questionário foram:

- Você é formada em Pedagogia? Há quanto tempo?
- É professora efetiva da rede ou contratada? Há quanto tempo?
- Há quanto tempo trabalha com a educação infantil? Qual a sua carga horária?
- Você acha importante a alfabetização e o letramento na ed. Infantil?
- A Secretaria de Educação exige um trabalho de alfabetização e letramento na ed. Infantil? Você acha suficiente o que é cobrado pela SE? Ou não? Porquê?
- Você defende que as crianças sejam alfabetizadas na ed. Infantil? Fale um pouco sobre sua opinião.
- Qual a expectativa das famílias em relação à alfabetização na ed. Infantil?

- Pelo seu trabalho, percebo que tem uma preocupação em trabalhar com a alfabetização e letramento das crianças. Qual ou quais métodos você usa para ensinar? Porque escolheu esse(s) método(s)?
- A coordenação pedagógica da escola interfere no seu trabalho em relação à alfabetização e letramento? Você tem autonomia de planejar suas atividades como bem entende?
- Você faz diagnóstico de leitura e escrita? Se sim, como é esse diagnóstico? Com qual periodicidade ele é feito?
- Caso faça o diagnóstico, ele é cobrado pela Secretaria de Educação?
- Existe algum tipo de avaliação na educação infantil da sua escola em relação à leitura e escrita? Como você costuma avaliar o desenvolvimento das crianças na parte de leitura e escrita?
- Como acontecem cotidianamente as práticas de leitura e escrita na educação infantil?
- Qual a sua expectativa em relação à leitura e escrita com seus alunos da ed. Infantil?

A professora entrevistada é formada há um ano em pedagogia, mas informou que tem 25 anos de magistério. Na escola em que atuava se encontrava em regime de contrato de trabalho, que já se estendia há três anos de serviços prestados à Secretaria de Educação de Santo Amaro, na área da Educação Infantil, em regime de trabalho de 20 horas semanais. É importante destacar que a docente sempre atuou no ensino fundamental, e nessa área tem uns 15 anos de experiência. Quando questionada sobre a importância da alfabetização e do letramento na Educação Infantil, a docente afirmou *que acredita que a alfabetização é a base para uma educação construtiva, pois ajuda o desenvolvimento da leitura, escrita, comunicação, para a organização das ideias e pensamentos e que, também, letramento utiliza a escrita para resolver problemas do dia-a-dia, facilitando assim, suas práticas sociais.*

Com relação a pergunta referente a exigência da secretaria de educação do município, com o trabalho de alfabetização e letramento na Educação Infantil, e se era suficiente o que era cobrado, a professora optou em não responder. Todavia, defendeu que *a alfabetização na educação infantil é essencial, dado que nesse momento as crianças desenvolvem habilidades, conhecimentos e interesse em aspectos baseados na linguagem oral e escrita.*

Nas discussões referentes aos anseios dos pais, a professora respondeu que os pais *esperam que a escola seja fonte de educação de qualidade, com profissionais bem preparados e dedicados ao ensino, devendo haver investimento do governo em cursos gratuitos para*

capacitação do corpo docente. A mesma indicou que sempre busca inovar seu conhecimento para fomentar uma educação e formação de qualidades aos seus alunos. Assim, quando indagada sobre seu método de ensino, *indicou que utiliza o método construtivista*, levando em conta a mediação do professor incentivador da participação ativa dos alunos, acompanhando constantemente o desempenho considerando as particularidades de cada criança. Vale destacar que o método escolhido é decorrente do entendimento de que há com esse método a capacitação diária de inovação, e com isso, ajuda os alunos no seu desenvolvimento pedagógico.

A partir da indagação sobre diagnóstico de leitura e escrita e com qual periodicidade ele é feito, a professora destacou que *o diagnóstico dos alunos é feito diariamente na sala de aula, com base nas atividades propostas e interações nas aulas. E no final do ano é feito um portfólio sobre o processo de aprendizagem de cada aluno.* Quando questionada se havia uma cobrança da secretaria de educação referente a esse diagnóstico, a professora novamente optou em não responder. Posteriormente, foi interpelada sobre a existência de algum tipo de avaliação na educação infantil da sua escola em relação à leitura e escrita, e de que maneira ela costumava avaliar o desenvolvimento das crianças na parte de leitura e escrita, e foi dito que não existe nenhuma avaliação no sentido indagado, mas que a mesma costumava avaliar o desenvolvimento das crianças na parte de leitura e escrita através das aulas diariamente de contação de história, nas atividades, nas leituras de imagens e leituras espontâneas.

Continuando com as indagações dentro da linha das práticas de leitura e escrita na educação infantil, a professora informou que, primeiro realiza uma avaliação diagnóstica, depois observa nas atividades propostas em sala de aula, sejam elas: brincadeiras de jogos de palavras, dinâmicas relacionadas à leitura na lousa, dentre outras.

E que caminha por uma direção a fim de analisar a ação da coordenação pedagógica no processo da alfabetização e letramento. Em relação à pergunta sobre a autonomia dos professores no planejamento das atividades, bem como suas aplicações, foi perceptível através da fala da professora que a coordenação compreende a formação qualificada do corpo docente e procura dar autonomia aos mesmos para efetuar suas atividades, mas demonstra e oferece todo apoio e suporte.

Por fim, quando perguntado sobre a sua expectativa em relação à leitura e escrita com seus alunos da educação Infantil, houve a seguinte resposta: continuar no processo de aprendizagem que eles estão, que tenham capacidade e um bom desempenho para aprimorar ainda mais suas capacidades e necessidades.

Após exposto acima, é válido salientar que, a professora reconhece a importância tanto da alfabetização quanto do letramento na Educação Infantil, enfatizando que esses processos

contribuem para o desenvolvimento da leitura, escrita, comunicação e resolução de problemas do dia-a-dia. No entanto, não há contrapontos específicos em relação à teoria de Magda Soares nas práticas da professora entrevistada.

Apesar de também, da mesma utilizar Teorias Construtivistas de Piaget e Vygotsky, valorizando a participação ativa dos alunos e acompanhando de perto o desempenho individual, o que está alinhado com as ideias de Piaget e Vygotsky sobre a construção do conhecimento.

A mesma faz Avaliação na Educação Infantil, realizando avaliação diagnóstica diária e elabora um portfólio de cada aluno ao final do ano, o que está alinhado com a importância da avaliação formativa e integrada ao processo de ensino-aprendizagem. No entanto, foi perceptível que existe uma falta de resposta sobre a existência de uma cobrança da secretaria de educação em relação à avaliação e a ausência de um sistema formal de avaliação na escola podem indicar uma lacuna em relação à integração da avaliação ao sistema educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados e reflexões apresentadas nesta pesquisa, é de suma importância que na educação infantil as crianças tenham acesso a leitura e escrita, e que esse caminho seja traçado de uma maneira leve, lúdica e adequada, respeitando o tempo de desenvolvimento e a capacidade de habilidade de cada indivíduo. Tendo como pressuposto que as crianças têm o direito fundamental de participar ativamente das práticas culturais relacionadas à leitura e escrita desde cedo, nesse sentido, cabe aos educadores desempenhar um papel primordial proporcionando ambientes mais estimulantes, criando assim oportunidades de aprendizado que permitam com que as crianças explorem a linguagem escrita de uma forma mais significativa.

Mediante a pesquisa de campo no que tange às observações, as atividades ligadas às práticas de alfabetização conduzidas pela educadora tiveram ênfase na prática semanal das letras do alfabeto. Embora a professora demonstra habilidade no planejamento e execução dessas atividades, observou-se o uso frequente de materiais xerocopiados, que não se alinham totalmente com as teorias de alfabetização e letramento. A dependência de materiais xerocopiados pode afetar negativamente a motivação das crianças para se envolverem com a leitura, já que esses materiais podem ser menos atrativos e estimulantes do que os livros infantis, que também, não são muito utilizados pela docente. Antes de compreender o Sistema de Escrita Alfabética, as crianças passam por diferentes fases de alfabetização, e essa turma já compreende que existe uma relação entre a fala e a escrita.

Na entrevista com a docente as respostas obtidas foram bem encadeadas, a educadora faz um trabalho com a familiarização das crianças com a linguagem escrita, incluindo práticas pedagógicas em que todos têm acesso aos recursos e oportunidades de aprendizagem. Apesar da mesma não ter um apoio da Secretaria de Educação local, isso porque, eles acreditam que há um momento específico para iniciar esse processo de aprendizado, ela defende a ideia de que o cerne da questão está em assegurar que as crianças sejam capazes não apenas em decodificar letras e palavras, mas sim, de compreender o uso da linguagem como uma forma prática no seu dia a dia.

Contudo isso não foi visto nos exemplos trazidos na observação descrita, a discrepância entre as afirmações da professora durante a entrevista e as observações realizadas na sala de aula se revela como um ponto de reflexão crucial. Enquanto a professora afirmou trazer práticas de alfabetização e letramento para o ambiente escolar do grupo 5, as atividades observadas indicaram uma abordagem mais tradicional, centrada no método silábico e desassociada das práticas de letramento.

É fundamental reconhecer que a alfabetização e o letramento não se limitam ao ensino de habilidades básicas de leitura e escrita, mas também envolvem o desenvolvimento de competências linguísticas e o estímulo à compreensão e produção de textos em diversos contextos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. As crianças e o processo de apropriação da linguagem escrita: consensos e dissensos nos campos da alfabetização e da Educação Infantil. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 16, p. 15-32, 2022.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2010.

CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; MENDES, Débora Lúcia Lima Leite. Estudos de avaliação na educação infantil. *Est. Aval. Educ*, p. 293-304, 2009.

Castro, F. M. F. M. de Sousa David, M. L., Barroso, F. J. R. *A avaliação escolar e suas contribuições à formação humana e ao desenvolvimento da educação*. CONEDU, VI Congresso Nacional de Educação.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Alexsandro da. Alfabetização e letramento na educação infantil: O legado de Magda Soares. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 20, p. 1-16, 2023.

DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL / Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FALCÃO, Marlene Eneas da Silva. *A avaliação na perspectiva dos docentes na Escola EEIF “José Vieira”*. 2017. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia (Licenciatura à Distância). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - PB.

FARIA, Ana Paula; BESSELER, Lais Helena. A avaliação na educação infantil: fundamentos, instrumentos e práticas pedagógicas. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 25, n. 3, p. 155-169, 2014.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Avaliação da alfabetização: Provinha Brasil. *Educação e Pesquisa*, v. 38, p. 603-622, 2012.

HOFFMANN, C., ZANINI, R. R., MOURA, G. L. D., COSTA, V. M. F., COMORETTO, E. (2017). Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, 31, 257-276.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. *Múltiplas Leituras*, v. 3, n. 1-2, p. 18-36, 2010.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. Avaliação da alfabetização e formação de professores alfabetizadores no Brasil: caminhos e descaminhos. *Em aberto*, v. 33, n. 108, 2020.

LEAL, Telma Ferraz; DE MORAIS, Artur Gomes. A proposta de ensino e avaliação da alfabetização em Lagoa Santa, Minas Gerais. **Em Aberto**, v. 33, n. 108, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. *O planejamento escolar*. Didática. São Paulo: Cortez, p. 221-247, 1994.

MORAIS, Artur Gomes de. *Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; MORO, Catarina. Avaliação na educação infantil: um debate necessário. *Est. Aval. Educ*, p. 272-302, 2013.

SILVA, Mariana Cristina da. *O desenvolvimento da imaginação e a atividade da criança em idade pré-escolar*. 2019. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar.) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

SOARES, Magda. *Alfabetizar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SOUZA, Sandra Zákia Lian de; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Políticas de avaliação da educação e quase mercado no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 24, p. 873-895, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. *Psicología pedagógica: un curso breve*. Aique, 2001.

Disponível em: chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgltclfindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID8037_15082019165923.pdf